



**SOBRE O PAPEL DA ESCRITA FEMININA NA
FORMAÇÃO LEITORA DE ESTUDANTES DE
LETRAS A PARTIR DO ROMANCE GRÁFICO
POULET AUX PRUNES, DE MARJANE SATRAPI**

**ABOUT THE ROLE OF FEMININE WRITING IN
THE READING EDUCATION OF LITERATURE
STUDENTS THROUGH THE GRAPHIC NOVEL
CHICKEN WITH PLUMS BY MARJANE SATRAPI**

Prof^a Dr^a Josilene Pinheiro-Mariziⁱ

Solaneres Laértia Nascimentoⁱⁱ

Manuella Bitencourtⁱⁱⁱ

RESUMO – Este artigo busca refletir sobre a contribuição da literatura de autoria feminina na formação de estudantes de Letras a partir da obra *Poulet aux Prunes* (2008) da escritora franco-iraniana Marjane Satrapi. Destacamos, inicialmente, a escassez de representação feminina no cânone literário não somente brasileiro e analisamos a questão a partir da obra citada com base nos estudos de Simone de Beauvoir (2019), Bourdieu (2012), Zolin (2009) e Lugones (2020), no que tange à desigualdade de gênero e à importância de desconstruir estereótipos. *Poulet aux Prunes* (2008) é uma biografia centrada em Nasser Ali, um músico iraniano, mas

ênfatisa o papel influente das mulheres em sua vida. As personagens femininas moldam a história, desafiando os estereótipos de gênero. A obra também aborda a dinâmica familiar, evidenciando a divisão desigual de tarefas entre homens e mulheres e como isso pode impactar a vida dessas mulheres. Entendemos que ainda é necessário vencer desafios para conquistar espaço nos currículos universitários. Através do estudo de obras escritas por mulheres de diferentes culturas, a formação leitora dos estudantes pode se tornar mais completa e abrangente, impulsionando o reconhecimento da importância das vozes femininas e marginalizadas no cenário literário e social.



PALAVRAS-CHAVE – Literatura de autoria feminina; Marjane Satrapi; Formação Leitora; Estudantes de Letras.

ABSTRACT – This article seeks to reflect on the contribution of women-authored literature in the education of Literature students through the work *Poulet aux Prunes* (2008) by the Franco-Iranian writer Marjane Satrapi. Initially, we highlight the scarcity of female representation in the literary canon, not only in Brazil but also globally, and analyze this issue based on the mentioned work, drawing from the studies of Simone de Beauvoir (2019), Bourdieu (2012), Zolin (2009), and Lugones (2020), regarding gender inequality and the importance of deconstructing stereotypes. *Poulet aux Prunes* (2008) is a biography centered around Nasser Ali, an Iranian

musician, but it emphasizes the influential role of women in his life. The female characters shape the story, challenging gender stereotypes. The work also addresses family dynamics, highlighting the unequal division of tasks between men and women and how this can impact these women's lives. We understand that challenges still exist to overcome in gaining space within university curricula. By studying works written by women from different cultures, students' reading education can become more comprehensive and inclusive, fostering the recognition of the importance of female and marginalized voices in the literary and social landscape.

Keywords – Women-authored literature; Marjane Satrapi; Reading Education; Literature Students.

Introdução

Ao ancorarmos o nosso pensamento na ideia de **palavramundo** de Freire (2011), observamos que a palavra é revestida das relações do indivíduo que está aprendendo a ler com o mundo ao seu redor, ou seja, por mais que o leitor pense estar sozinho, a sua capacidade de ler e interpretar é influenciada pelas interações prévias que tiveram com o mundo à sua volta, bem como pelas experiências e conhecimentos acumulados ao longo da vida. Essas interações ajudam a construir significados para as palavras, tornando a leitura um processo complexo e enriquecido pelas vivências individuais e sociais.

As histórias literárias, por terem sua natureza marcada pela polissemia, possibilitam ao leitor um contato

enriquecedor com a cultura do outro. Ao explorar a multiplicidade de significados presentes nas narrativas, o leitor compreende não apenas sua própria cultura, mas também a do outro (PINHEIRO-MARIZ, 2008). Essa experiência de leitura oferece ao leitor a oportunidade de distanciar-se de si mesmo e, ao mesmo tempo, refletir sobre a sua própria identidade e visão de mundo, podendo promover empatia, tolerância e crescimento pessoal. Ao pensarmos na formação leitora de estudantes de Letras, por exemplo, entendemos que é necessário estimular a diversidade da leitura literária com o intuito de conhecer as mais diversas obras literárias, ampliando, assim, as possibilidades de gostos através do conhecimento de outros mundos, incitando-se, dessa forma, uma



formação mais completa para esses futuros professores e profissionais de Letras.

No entanto, o próprio currículo de Letras pode, muitas vezes, limitar o contato com literaturas que estariam fora do cânone. Averiguamos que a literatura considerada marginal, transgressora, como a escrita por mulheres ainda tem pouco espaço nas universidades brasileiras (BAGNO, 2012), bem como toda e qualquer produção literária que caminha em uma perspectiva decolonial, saindo, portanto, da visão eurocêntrica de produção de conhecimento. O cânone literário ocidental que, por certo, deve ser estudado e transmitido às muitas gerações é composto majoritariamente por homens brancos de classe média. Zolin (2009) salienta que tanto no Brasil como no exterior, até bem pouco tempo atrás, a literatura de autoria feminina não aparecia no cânone tradicional.

Apesar de cada vez mais vislumbrarmos a presença de obras literárias escritas por mulheres nos cursos de Letras, ainda há muito espaço para ser conquistado e muito a ser conhecido, tendo em vista a imensidão do campo literário de autoria feminina. Se olharmos para a literatura de autoria masculina, que sempre esteve em destaque na história da literatura, percebemos que mesmo nesse espaço, há territórios pouco explorados, tais como a literatura indígena, por exemplo, o que reitera o que destacamos, quanto ao pensamento decolonial. Nesse sentido, sabemos que o território a ser explorado na literatura de autoria feminina é ainda maior e mais repleto de obstáculos, pois ainda estamos

atravessados por um sistema socialmente patriarcal. Logo, acreditamos que o trabalho com a leitura literária de autoria feminina sob uma perspectiva decolonial pode contribuir significativamente para a formação de estudantes de literatura.

Com esse olhar, o objetivo deste artigo é refletir sobre a contribuição da escrita feminina decolonial na formação leitora de estudantes de Letras a partir da obra *Poulet aux prunes* (2008) da escritora iraniana Marjane Satrapi. A obra destaca a influência e a repercussão de ações femininas na vida das personagens masculinas, enfatizando a necessidade de reconhecer a diversidade e a complexidade da figura feminina. Essa representação ressoa com as reflexões de Simone de Beauvoir (2019) sobre os papéis atribuídos às mulheres, contribuindo para uma discussão mais profunda sobre as questões de gênero e a busca pela igualdade e autonomia das mulheres.

Para refletir sobre as contribuições dessa obra na formação de estudantes de literatura, além dos estudos de Beauvoir (2019), nos fundamentamos em pressupostos da literatura de autoria feminina, tais como os discutidos por Bourdieu (2012), Zolin (2009) e Lugones (2020). Sendo assim, inicialmente discutimos a respeito do lugar da literatura de autoria feminina no campo literário e sua visibilidade nos cursos de Letras. Depois abordamos alguns pontos centrais dos estudos de Simone Beauvoir, refletindo sobre a obra *Poulet aux Prunes* (2008). E por fim, apontamos algumas contribuições



dessa obra para a formação leitora de estudantes de Letras.

Literatura de autoria feminina nos cursos de Letras

Quando olhamos para o mundo acadêmico e literário, temos a impressão de que não havia muitas escritoras no Brasil antes do século XX. Ao estudarmos as escolas literárias é comum observarmos escritores brasileiros como José de Alencar, Gonçalves Dias, Machado de Assis, Olavo Bilac, dentre outros. Só no período pós-modernista, vislumbramos mais claramente escritoras como Clarice Lispector e Cecília Meireles, porém essas autoras ficam quase invisíveis se comparadas à quantidade de autores que geralmente estudamos. Em outros países, o mesmo acontece, a exemplo da literatura francesa que desde cedo nos apresenta poetas dos primeiros anos daquela literatura, tais como François Villon ou Charles d'Orléans e deixam de lado Christine de Pisan ou Marguerite de Navarre, por exemplo. Diante disso, nos questionamos sobre qual é o lugar da literatura de autoria feminina no campo literário? E qual o espaço dessa literatura nos cursos de Letras do Brasil?

Campo literário e literatura de autoria feminina

Inicialmente, precisamos refletir a partir de uma perspectiva social sobre a mulher na sociedade. Pierre Bourdieu em seu livro **A dominação Masculina** (2012) destaca que as estruturas de poder são dominadas pelos homens há muitos anos, através de agentes

como a Igreja, Escola e o Estado. Os dominados, as mulheres, não agem de forma livre e consciente, mas interiorizam esquemas de percepção que as levam a aceitar a estrutura dominante. Sendo assim, de acordo com o sociólogo francês, as mulheres estão separadas dos homens por um coeficiente simbólico negativo que afeta negativamente tudo o que elas são e fazem.

O modelo de sociedade patriarcal estabelece que os homens devem ocupar o espaço público, a política, enquanto as mulheres assumem o espaço privado, a casa e a criação dos filhos. “Assim, são os homens que fazem as leis que dizem respeito à educação de crianças e jovens, assim como as que pretendem decidir sobre os direitos reprodutivos das mulheres. As poucas mulheres ascendendo a postos de comando político são, muitas vezes porta-vozes do patriarcado” (FIGUEIREDO, 2020, p.18). Isso porque o pensamento dos dominados (das mulheres) se baseiam nas estruturas de dominação, o que acaba gerando uma sociedade que favorece os homens.

Outrossim, as perspectivas teóricas também contribuem para uma visão não adequada sobre a importância da escrita de autoras, conforme nos sinaliza a especialista espanhola Josefina Bueno Alonso (2017).

Analisar os textos de mulheres em meio à teoria pós-colonial e à feminista nos leva a citar brevemente algumas coincidências entre a crítica pós-colonial e a crítica feminista; citamos, dentre outras, a analogia estabelecida entre a situação marginal ou subordinada da



mulher e a do colonizado; as propostas similares das duas teorias tais como dar voz àqueles ou àquelas que estão na invisibilidade, a desconstrução da autoridade canônica (contestação da neutralidade dos “grandes textos” e de suas ideologias), o combate ao universal masculino-ocidental que contribuiu para a percepção dos textos pós-coloniais e os textos de mulheres como os fatos anedóticos, por vezes simples satisfação de um desejo de exotismo. (ALONSO, 2017, p. 2014)

Na literatura, esse favorecimento é bem visível. De acordo com Viana (1995) os livros de história literária de Sílvio Romero e de José Veríssimo confirmam a exclusão de escritoras brasileiras do cânone literário. Por um lado, as mulheres ficaram excluídas do sistema escolar nas culturas cristãs, o que as impediu de ler e escrever; por outro lado, depois que as mulheres começaram a ler e a escrever, ainda assim não foram reconhecidas como capazes de produzir literatura.

Para refletir sobre a construção da literatura de autoria feminina é preciso entender como funciona o campo literário. De acordo com Coutinho (2023), o conceito de campo literário é uma possibilidade mais versátil de entendimento da engrenagem que envolve a produção, a circulação e o consumo do material artístico. Estreitamente vinculado à noção de valor, pressupõe tomadas de posição que definem a boa ou má acolhida das obras em seu interior e sua duradoura ou efêmera permanência na memória do sistema literário. Só a partir do século XIX, com as posturas estéticas de Flaubert e Baudelaire,

que podemos afirmar uma maior autonomia do campo literário. Em *As Regras da Arte*, Bourdieu (1996) observa que para Flaubert, o espaço da composição é o *front* em que ele trava a batalha contra alguns cânones até então vigentes na literatura. Nesse período, houve uma grande mudança no ato de escrever e de criar objetos artísticos. Essa foi umas das primeiras disputas por espaço no campo literário. Todo espaço é um espaço em disputa, há sempre o estabelecimento de hierárquicas, violentas ou discretas, e na literatura não é diferente segundo a pesquisadora, escritora e crítica literária brasileira Regina Dalcastagnè (2012):

Hoje, cada vez mais, autores e críticos se movimentam na cena literária em busca de espaço - e de poder, o poder de falar com legitimidade ou de legitimizar aquele que fala. Daí os ruídos e o desconforto causados pela presença de novas vozes, vozes “não autorizadas”; pela abertura de novas abordagens e enquadramentos para pensar a literatura. (DALCASTAGNÈ, 2012, p.7).

Ainda, de acordo com a pesquisadora brasileira, cada vez mais os estudos literários se preocupam com os problemas ligados ao acesso à voz e à representação dos múltiplos grupos sociais. Tudo isso se traduz no crescente debate sobre o espaço, na literatura brasileira e em outras, dos grupos marginalizados - entendidos, em sentido amplo, como aqueles que vivenciam uma identidade coletiva, que recebe valoração negativa da cultura dominante - sejam definidos por sexo, etnia, cor, orientação



sexual, posição nas relações de produção, condição física ou outro critério. Nesse sentido, a literatura de autoria feminina tem disputado espaço no campo literário nesses últimos anos.

Segundo Zolin (2009), o movimento feminista incitou o trabalho de resgate da produção de literatura de autoria feminina, inúmeras obras de escritoras do século XIX, apesar de sua qualidade estética, jamais foram citadas pela crítica. A pesquisadora afirma que no século XX, houve o reconhecimento institucional da existência da literatura escrita por mulheres como objeto legítimo de pesquisa, porém ainda é necessário trazer essas literaturas para as salas de aulas a fim de não perpetuar ideologias hegemônicas.

Também é preciso compreender o vasto campo que a literatura de autoria feminina nos proporciona entrever, apesar das experiências comuns, as mulheres estão separadas uma das outras por diferenças econômicas, raciais e culturais. Por isso, defendemos o trabalho com literaturas decoloniais, provenientes de países do conhecido Sul-Global. Segundo Lugones (2020), professora, socióloga e ativista feminista, a colonialidade é um fenômeno mais amplo que se relaciona com a autoridade coletiva e a produção de conhecimento. Nesse sentido, a Europa passou a representar o padrão capitalista mundial de poder, e a população mundial foi dividida em dicotomias: superior e inferior; racional e irracional; primitiva e civilizada.

Por isso, muitas vezes as literaturas oriundas de países colonizados podem ser marginalizadas em detrimento aos países colonizadores. Se pensamos na literatura de língua francesa, por exemplo, geralmente é comum lembrarmos primeiramente de escritores clássicos originários da França, como Molière, Racine, Victor Hugo, Voltaire, Balzac, Gustave Flaubert, Zola, Camus, Sartre, Exupéry etc., só depois pensamos em algumas escritoras francesas, como Louise Labé e George Sand. Mas, poucos irão lembrar previamente de escritores e escritoras originários da África, Ásia e Caribe que escrevem em francês. Pensando nisso, a literatura de autoria feminina ancorada no pensamento decolonial é duplamente afetada por essa marginalização; por isso, preferimos incitar a visibilidade das obras de escritoras originárias de países não europeus.

Visibilidade da literatura de autoria feminina nos cursos de Letras

Atualmente, temos cada vez mais acesso às literaturas de autoria feminina, mas ainda assim há pouca visibilidade para as literaturas escritas por mulheres e ditas “marginais” nos cursos de Letras. Esse cenário também parece se repetir nas demais licenciaturas. Santana e Alves (2019) em uma pesquisa realizada no Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente (IEAA) *campus* de Humaitá, sul do Amazonas no período de março de 2015 a julho de 2019, com estudantes de diversas licenciaturas, incluindo Letras, destacam a invisibilidade



da literatura de autoria feminina. Embora os estudantes de Letras e Pedagogia tenham mostrado um maior conhecimento dessas literaturas em relação às demais licenciaturas, especialmente as do campo de exatas, evidenciou-se que o currículo desses cursos ainda estava muito fechado para essas literaturas.

De forma mais específica Silva et al (2018) realizaram um estudo de cunho etnográfico no curso de Letras da Universidade Federal do Paraná (UFPR) acerca da leitura de textos de autoria feminina em uma disciplina obrigatória de literatura. A pesquisa foi realizada com discente e docentes do Curso de Letras da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Duas turmas da disciplina de Literatura Brasileira III foram selecionadas para a investigação. Os pesquisadores apontaram que historicamente o currículo acadêmico, que é composto pela ementa e programa das aulas, bem como o cânone literário fortalecem o silenciamento da literatura escrita por mulheres devido à organização patriarcal da sociedade e da instituição literária.

Inicialmente, a pesquisa apontou que a ementa é genérica indicando que deve haver o estudo de obras e autores representativos, analisando o programa de dois professores percebeu-se que os dois trazem obras escritas por homens e mulheres, embora em termos numéricos o Professor A trabalhe com 43 obras escritas por homens e apenas 8 por mulheres, enquanto o Professor B, trabalha com 58 obras escritas por homens e 27 por mulheres. Diante dos resultados,

entende-se que os professores da disciplina em questão não se limitam a seguir os pressupostos do cânone que circulam a ementa genérica. No entanto, é nítido que a depender do programa de cada professor o contato com a autoria feminina pode ser diferente ou até inexistente, visto que não há uma obrigatoriedade por parte da ementa para trabalhar com obras escritas por mulheres.

Nesse sentido, é comum em algumas grades curriculares de Letras a inserção de disciplinas optativas/eletivas sobre literatura de autoria feminina, assim como de literatura africanas, indígenas, entre outras que ficam à margem do que é considerado padrão, isto é, literaturas escritas por homens brancos e heterossexuais, a fim de completar a formação leitora dos estudantes. Sendo assim, apesar de hoje termos uma maior inserção de obras literárias escritas por mulheres nos cursos de Letras, ainda há muito espaço para ser conquistado. Principalmente, quando pensamos em autoras que fogem ainda mais do cânone tradicional.

A leitura de obras literárias de autoria feminina sob uma perspectiva decolonial, especialmente com outras culturas, nos proporciona caminhar por uma abordagem intercultural, pois pode contribuir de muitas formas para a formação leitora de estudantes de Letras, haja vista que se interessa em construir habilidades que se referem à atitude perante outras culturas, em um processo de diálogo entre a cultura do leitor e a cultura apresentada na obra



literária. Essa atividade amplia a visão de mundo do leitor, despertando a alteridade, empatia, estimulando a diversidade cultural e ressignificando experiências pessoais e escolares. Por isso, obras em outras línguas e culturas contribuem para o conhecimento linguístico-cultural dos leitores, proporcionando uma maior possibilidade de construções de gostos através da descoberta de outros mundos, ampliando assim a leitura dos estudantes de Letras.

O papel transformador das mulheres na literatura e nos quadrinhos

Nos últimos anos, houve uma crescente conscientização e luta pela igualdade de gênero em diversos países. Simone de Beauvoir, em sua obra **O Segundo Sexo** (2019), traz análises essenciais para desnaturalizar a dominação masculina, a autora critica a ideia de que as diferenças biológicas entre homens e mulheres justifiquem a submissão feminina. Beauvoir problematiza o complexo de inferioridade atribuído à mulher, destacando que esse fenômeno é validado e perpetuado pelo contexto histórico que privilegia o homem como o padrão a ser seguido.

Tal perspectiva apresentada por Beauvoir nos leva a refletir sobre a gravidade desse problema e como ele se estende além da economia, afetando todos os setores da sociedade, como na formação de jovens professores. Simone de Beauvoir também ressalta a importância de compreender a construção histórica e social da desigualdade de gênero para combatê-la de maneira efetiva. Ao desnaturalizar a

dominação masculina, a filósofa chama a atenção para a necessidade de questionar e desconstruir os estereótipos de gênero que perpetuam a opressão das mulheres.

Por esse olhar, nos perguntamos: como trazer esse pensamento para a nossa discussão sobre o lugar da mulher no campo literário? Interessa-nos refletir sobre a literatura gráfica, isto é, a produção de romance gráfico feita por mulheres. Isto porque nesse campo também a mulher foi ao longo dos anos silenciada, mesmo produzindo obras de qualidade gráfica e literária. Outro ponto importante a destacar é que a própria narrativa gráfica sofre(u) com preconceito a respeito de seu valor literário. Até mesmo quando se discute o que é ou não literatura, costuma-se inserir esse gênero. Então, a essa altura, temos duas formações sociais a serem desconstruídas, desnaturalizadas, a saber: mulher escreve literatura e faz quadrinhos, logo, diante do problema, faz-se necessário apresentar um exemplo que ressalta a importância da escrita de uma mulher, que como iraniana, enfrentou problemas sociais e políticos, ocupando nos nossos dias um papel de protagonista no âmbito da escrita de romance gráfico, Marjane Satrapi.

A reflexão sobre a produção literária/quadrinística, tanto no Brasil como no exterior, revela uma realidade de exclusão e sexismo, na qual as mulheres são frequentemente negligenciadas e suas vozes minimizadas, quando não silenciadas. Esse padrão é evidenciado pela falta de representação feminina no mundo dos quadrinhos e na literatura de modo geral,



uma vez que tais espaços foram historicamente considerados espaços de dominação masculina; e, as obras escritas por mulheres, muitas vezes, eram vistas como inferiores. Além disso, as personagens femininas ainda são frequentemente retratadas de forma estereotipada e marginalizadas em diversas narrativas.

Porém, mudanças tem ocorrido, mesmo que de forma discreta e gradual nesse cenário ao longo do século XX. Isso tem se dado com o reconhecimento institucional da literatura gráfica escrita por mulheres, particularmente de autoras como Marjane Satrapi, que desempenham um papel fundamental nessa reviravolta, mostrando que mulheres podem dar contribuições significativas e inovadoras no mundo da literatura, nesse caso, o mundo dos quadrinhos.

A representação feminina e as relações familiares na obra *Poulet aux Prunes*

Marjane Satrapi é uma figura marcante no contexto de escrita feminina não europeia, muito embora tenha feito parte de seus estudos na Áustria, vivendo ainda hoje, aos 53 anos, na França, tem uma trajetória notável como escritora, ilustradora e cineasta franco-iraniana, vindo a ser a primeira mulher nascida no Irã a escrever

quadrinhos. Sua obra *Persépolis* (2000) tornou-se mundialmente conhecida e respeitada, especialmente por sua representação da cultura árabe, abrindo, assim, caminhos para mais visibilidade e reconhecimento das vozes femininas nos quadrinhos e, por consequência, na literatura em geral.

A representação feminina nas obras narrativas tem sido, desde os primórdios da literatura, marcada por estereótipos e preconceitos enraizados na sociedade; por razões como esta Beauvoir (2019) insiste no fato de desnaturalizar alguns comportamentos. É notório que por muito tempo, as mulheres foram vistas como inferiores aos homens, sendo consideradas "homens incompletos" e associadas a características de fragilidade e submissão. Essa visão de gênero influenciou a forma como as mulheres eram retratadas nas histórias, relegando-as a papéis secundários e estereotipados, muitas vezes, como musas românticas, belas, boas e gentis ou bruxas malvadas, sem beleza ou ainda como meras personagens de apoio para os personagens masculinos protagonistas.

Essa realidade citada é totalmente contrária ao que acontece em *Persépolis* (2006), conforme podemos ver na imagem abaixo, extraída do filme de 2007:



Figura 1

Comportamento transgressor da personagem Marji em *Persépolis* (2007)

Por essa razão também, pode-se dizer que Satrapi escreve uma nova página na história das personagens femininas na literatura, uma vez que em *Persépolis*, Marjane, a protagonista, é desde pequena, o que se poderia chamara de transgressora, não aceita que todos devam obedecer a uma pessoa que não é “gentil” com o seu povo.

Também não aceita ter que respeitar as regras impostas a todos; uma atitude vista como delito e que provoca a sua saída do Irã para a Áustria ainda muito cedo, devendo ir estudar no Liceu Francês em Viena, onde também teve problemas por suas atitudes vistas como fora do padrão. Esse romance gráfico é, sem dúvida, uma das obras mais representativas da produção literária de Satrapi, tendo recebido prêmios internacionais e uma versão cinematográfica, dirigida por ela mesma e Vincent Paronnaud, vindo a ser premiado no tradicional Festival de Cannes em 2007.

Essa forma de ver o mundo, por assim dizer, fora do padrão, está também impresso em **Bordados**; um romance gráfico igualmente narrado pela pequena

Marji, a transgressão parece extrapolar os limites da verossimilhança, pois é a avó da narradora quem dá conselhos completamente fora do padrão social para a época. Isto se dá em um contexto de conversas de mulheres, partilhas de angústias e sofrimentos diante de circunstâncias como casamento forçado e outras situações, como podemos observar na leitura de **Bordados** feita em pesquisa de pós-graduação de Mariana Sales (2017).

A obra em análise retrata situações que compõem o cotidiano das mulheres da família de Marji e, nesse contexto, caracterizado de maneira singela, traz representações sobre a cultura árabe, que por vezes é tratada de forma estereotipada. A partir das representações encontradas na obra, *Broderies* fortalece o contato do leitor com o outro, com seus costumes e formas de pensamento, elaborados e firmados no decorrer dos séculos. (SALES, 2018, p.27)

Um exemplo de quebra de estereótipos pode ser visto no excerto abaixo, uma vez



que, historicamente e, muito mais ainda no Irã, a voz mulher não sobrepõe a do homem, dito de outra forma, a mulher em qualquer idade deve obediência a seu marido. Fatos recentes comprovam que essa ainda é uma realidade constante

naquele país, pois o assassinato de uma jovem, simplesmente por um suposto uso inadequado do véu trouxe à tona o lugar de silenciamento da mulher. Entretanto em Bordados, vemos outra situação.



Figura 2

Última página do romance: é a mulher quem manda *Broderies*,¹ 2003, s/p

Totalmente fora do padrão, o avô é silenciado pela avó de Marji, que nessa narrativa tem um papel fundamental, como já citamos anteriormente.

Na obra **Poulet aux Prunes** (2008), mesmo sendo uma biografia centrada no tio-avô de Satrapi, Nasser Ali, um famoso músico iraniano, é notável como as mulheres exercem um papel significativo na construção de sentido da narrativa. As personagens femininas não são meramente

coadjuvantes, mas sim figuras complexas e influentes na vida do protagonista. Suas ações, desejos e emoções moldam a história e o desenvolvimento dos acontecimentos.

A narrativa se desenvolve em torno do conflito pessoal de Nasser após sua esposa destruir seu amado instrumento, o Tar, levando-o a buscar um substituto e, posteriormente, a deitar-se à espera da morte. Durante esse período, Nasser Ali reflete sobre sua vida e relembra diversos

¹ Quando a cobra envelhece é enrabada pela perereca. (SATRAPI, 2010, p.131). Tradução de Paulo Werneck.



momentos e pessoas que passaram por sua trajetória. Mas, embora o protagonista seja um personagem masculino, a história parece ser profundamente influenciada pelas mulheres que fizeram parte de sua vida. A primeira namorada, Irâne, a esposa Nahid e a atriz Sophie Loren são figuras que desempenham papéis significativos na vida de Nasser Ali. Essas mulheres moldam suas emoções, desejos e experiências.

Essa representação das mulheres na obra ressalta como os papéis femininos podem ser determinantes para o desenvolvimento e desenrolar da narrativa, destacando que esses papéis podem variar de acordo com o contexto histórico-social em que as personagens vivem. Isso reflete a complexidade da figura feminina e a ideia de que não se pode definir a mulher como algo estático e unidimensional.

De acordo com Beauvoir (2019), as mulheres frequentemente são colocadas em

papéis estereotipados, como esposa, mãe e prostituta, restringindo suas opções de realização pessoal e profissional. Esses estereótipos limitantes podem impedir que as mulheres alcancem sua plena autonomia e se desenvolvam intelectual e criativamente.

De fato, a representação feminina na literatura e a realidade vivenciada pelas mulheres estão interligadas e refletem as dinâmicas sociais e culturais de cada época. A obra, apesar de ambientada há mais de 60 anos, ainda possui ressonância na sociedade atual, tanto na cultura iraniana quanto na cultura brasileira. A narrativa apresenta o protagonismo feminino como uma força poderosa e influente, desafiando os estereótipos de gênero. No entanto, a representação das mulheres na literatura vai além do âmbito ficcional e dialoga com a realidade vivida por muitas mulheres na sociedade contemporânea.



Figura 3

Indignação de Nahid por sobrecarga doméstica em *Poulet aux Prunes*, 2008 p. 44

O excerto demonstra um retrato de desigualdade de gênero e a distribuição

desigual de responsabilidades dentro da família de Nasser Ali. A personagem Nahid,



esposa de Nasser, revela a sua sobrecarga com a diversidade de responsabilidades, que incluem cuidar da casa, dos filhos e trabalhar fora para sustentar a família. Enquanto Nahid desempenha múltiplos papéis, assumindo responsabilidades tanto no âmbito doméstico quanto no profissional, Nasser parece estar desinteressado e alheio às obrigações familiares, bem como à financeira. Sua dedicação exclusiva à música, sem contribuir de forma significativa para a renda familiar, ressalta um padrão de desigualdade de gênero, em que a mulher assume o ônus da tripla jornada de trabalho.

Essa dinâmica é um reflexo de uma realidade que ainda é presente em muitas culturas, em que as mulheres frequentemente enfrentam uma carga desproporcional de responsabilidades e expectativas, tanto dentro, quanto fora de casa. Essa divisão desigual de tarefas pode limitar as oportunidades das mulheres, impactando sua carreira, saúde mental e qualidade de vida. Isto porque a construção familiar na sociedade, em geral, tem sido tradicionalmente influenciada por normas e estereótipos. No Brasil, por exemplo, o uso do termo "pãe" reflete uma realidade na qual as mães assumem tanto o papel de provedora, quanto o de cuidadora, com responsabilidades que tradicionalmente seriam partilhadas com o pai. Tal se pode ver em famílias monoparentais, nas quais a mãe atua como figura única de referência para o filho, suprimindo as duas funções. Essa configuração familiar tem se tornado mais comum devido às mudanças sociais e

econômicas, como mulheres inseridas no mercado de trabalho.

Já no Irã, a estrutura familiar é frequentemente dominada pelos homens, mesmo quando a mulher não deseja permanecer no casamento. Nesse contexto, caso a mulher se divorcie, os filhos normalmente são criados pelo pai, mesmo que ele se recuse a assumir plenamente esse papel. O poder na estrutura familiar é, em grande parte, mantido por homens, e isso impõe desafios quase intransponíveis às mulheres que desejam romper com esse padrão tradicional. Essas realidades destacam como as construções familiares podem variar significativamente em diferentes culturas e sociedades, refletindo normas de gênero e dinâmicas sociais específicas. É importante lembrar que as estruturas familiares são complexas e moldadas por uma série de fatores culturais, econômicos, religiosos e históricos.

Ainda nessa esteira, podemos observar a dinâmica familiar apresentada na obra *Poulet aux Prunes*, destacando as diferentes relações que Nasser teve com seus quatro filhos. O protagonista tem uma visão de decepção e de desgosto em relação ao único filho homem; e, nesse contexto, as suas filhas parecem ocupar posições distintas em seu afeto. O único filho de Nasser é a fonte de sua decepção e desgosto, uma vez que o protagonista tem expectativas não cumpridas em relação ao filho. As três filhas de Nasser, Mina, Reza e Farzaneh, de fato, são apresentadas distintamente: Farzaneh, a caçula, é retratada como a favorita de Nasser. A



conexão especial entre pai e filha pode ser interpretada como uma relação de predileção, na qual Nasser demonstra ternura e admiração por ela, o que faz com que Fazaneh se sinta valorizada e divinizada,

como abordado por Beauvoir (2019) em seu conceito sobre a relação entre pai e filha. Esse é, portanto, um elemento que discutiremos a partir da ilustração que segue:



Figura 4

Farzaneh contando sobre Nahid em *Poulet aux prunes* (2008, p. 23)

Nesse excerto, observa-se a dinâmica familiar que envolve Fazaneh, sua mãe Nahid e seu pai Nasser. Ancoradas no pensamento Beauvoir (2019), podemos refletir sobre dois pontos importantes na relação entre Fazaneh e seus pais. O primeiro ponto refere-se ao complexo de Electra, conceito apresentado por Freud e abordado por Beauvoir (2009); de acordo com essa teoria, a menina pode se aproximar mais do pai e se afastar da mãe em busca de identificação e atenção paterna. No caso de Fazaneh, a relação com Nahid,

sua mãe, parece ser ambígua, pois a mãe demonstra adoração pela filha, mas ao mesmo tempo é hostil com ela, impondo à criança seu próprio destino e expectativas. Nahid projeta suas ambições e desejos na filha, tentando torná-la melhor, mas essa postura pode gerar conflitos e frustrações em Fazaneh, pois suas pequenas vitórias não são comemoradas.

O segundo ponto é a relação de predileção que Nasser tem por Fazaneh. Ainda segundo Beauvoir (2019), quando o pai demonstra ternura pela filha, esta pode



sentir-se divinizada e dotada de todos os méritos. A menina parece ter uma conexão mais forte e identificação com o pai, gerando um sentimento de valorização e confiança em suas próprias capacidades. Pontos que ilustram como as relações familiares podem ter um impacto significativo no desenvolvimento emocional e psicológico de uma criança. As expectativas e o comportamento dos pais podem influenciar na autoestima e na construção da identidade da criança. A abordagem de Beauvoir (2009) nos ajuda a refletir sobre como as dinâmicas de gênero e as relações familiares moldam as experiências individuais de homens e mulheres desde a infância.

É importante notar que essas dinâmicas familiares são complexas e podem ser influenciadas por diversos fatores, incluindo a cultura, as expectativas de gênero e as experiências individuais de cada membro da família. As relações entre pais e filhos podem moldar as identidades e as emoções das crianças; e, o afeto e a atenção demonstrados pelos pais podem desempenhar um papel significativo no desenvolvimento emocional dos filhos.

Por essa razão, sob a nossa ótica, o papel das formações em Letras deve estar para além do pré-estabelecido, o canônico. É urgente que se reflita sobre a literatura de autoria feminina por um olhar decolonial, contribuindo para a desconstrução de paradigmas de dominação masculina e para a construção de uma sociedade mais igualitária e diversa.

Conclusão

Nestas discussões, buscamos trazer para a discussão três elementos fundamentais na formação de leitores, sobretudo leitores com formação literária, a exemplo dos estudantes dos cursos de Letras: primeiramente, a necessidade de ler obras que estão para além do cânone; junto a essa demanda, ler obras escritas por mulheres e, aproximando os dois pontos, propomos que essas leituras -fora do cânone- sejam escritas por mulheres que produzem literatura de realidades que saem do eixo europeu.

Nesse contexto, ressaltamos que a relevância de ler textos literários que abordem culturas para além do hexágono francês é necessário e importante, pois muito embora na língua francesa esteja no imaginário geral como sinônimo de França, é preciso ressaltar que a língua francesa possui mais de trezentos milhões de falantes e, dentre estes, apenas cerca de setenta milhões estão no hexágono (OIF, 2023). O francês é língua de estudo e de comunicação e está presente nos cinco continentes do planeta; portanto, a maioria dos falantes de francês reside fora da França.

Desse ponto de vista, não se pode olvidar que mesmo enquanto minoritários, há refugiados e migrantes nascidos em países africanos e asiáticos, como o Irã, que estão em muitos lugares do mundo tais como o Brasil e a França e muitos destes seguem a religião islâmica, enfrentando estereótipos e preconceitos associados ao terrorismo devido ao histórico de guerras. A leitura de obras que representem essas



culturas é uma forma de combater preconceitos e promover uma compreensão mais rica e empática dessas comunidades.

A leitura de obras literárias escritas por mulheres de diferentes origens e culturas pode oferecer uma maneira de criar uma sociedade mais respeitosa, tolerante e aberta à diversidade. A literatura, como expressão artística, tem o poder humanizador, aproximando-nos das histórias e das vidas que muitas vezes são negligenciadas ou, simplesmente, desconhecidas e, por isso, tornam-se mal compreendidas.

O exemplo de Satrapi demonstra que a representação feminina e a diversidade de vozes são fundamentais para enriquecer a produção artística e literária. A luta pela representação e reconhecimento das mulheres na produção quadrinística e literária é uma questão contínua. A emergência de autoras talentosas, como Marjane Satrapi, oferece esperança e inspiração para uma indústria mais inclusiva e aberta à diversidade de vozes e perspectivas.

Percebemos que a obra *Poulet aux prunes* pode contribuir de diversas formas para a formação leitora de estudantes de Letras, especialmente os de língua francesa. Primeiramente, ela possibilita a visibilização de obras literárias escritas em francês por mulheres sob uma perspectiva fora do eixo França, expandindo a visão de mundo dos estudantes sobre a produção literária em língua francesa. Também é uma oportunidade de estar em contato com obras quadrinísticas, que nem sempre estão

presentes nos programas das aulas de literatura dos cursos de Letras.

Ainda se ressalte que é inegável a contribuição da obra para a reflexão de questões humanas e histórico-sociais que perpassam a vida dos estudantes, como o preconceito, racismo, sexismo, relações familiares, amorosas e a condição de ser mulher na nossa sociedade. Embora a cultura brasileira seja diferente da iraniana em alguns aspectos, o leitor consegue encontrar muitos pontos de convergência, de temáticas que são comuns à realidade humana, especialmente à realidade de ser mulher em uma sociedade ainda bastante patriarcal, através da interculturalidade. Sabemos que o corpo discente de Letras é composto, em geral, por muitas mulheres; sendo assim, a leitura de textos literários escritos por mulheres e que abordam temáticas comuns às mulheres podem provocar identificação e sensibilização, gerando discussões frutíferas durante a recepção da obra.

Em guisa de conclusão, destacamos outra contribuição importante que é a ampliação do conhecimento linguístico-cultural dos leitores através da percepção da cultura iraniana e suas singularidades, facilitando assim uma melhor compreensão da cultura do outro, originando empatia, respeito e alteridade pelo que é diferente. Essas habilidades são muito importantes para que um estudante de Letras tenha uma formação voltada para evitar pré-julgamentos e estereótipos sobre a cultura e língua do outro. Com isso, os estudantes também estarão mais abertos para ler livros

LUMEN ET VIRTUS
REVISTA INTERDISCIPLINAR
DE CULTURA E IMAGEM

VOL. XIV N° 35 JANEIRO- JULHO/2023
ISSN 2177-2789



fora do cânone, que talvez fujam dos seus gostos ou aos quais não estão acostumados a ler, aumentando assim a possibilidade e a diversidade de gostos e construções de

leitura, contribuindo, assim, para as suas formações leitoras, pessoais e profissionais, enquanto futuros professores.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALONSO, Josefina Bueno. Mulher, identidade e escrita em textos francófonos do Magrebe. Trad. Maria Rennally Soares da Silva. **Revista Letras Raras**. Campina Grande. EDUFCG. v. 6, n. 2, 2017.
- BAGNO, Marcos. **Curso de Letras? Pra quê?** Conferência de abertura do VII EBREL - Encontro Brasiliense de Estudantes de Letras (Brasília, UnB). 2012. Disponível em :< <https://www.parabolablog.com.br/index.php/blogs/curso-de-letras-pra-que-1>>. Acesso em 07 jun. 2021.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Tradução Sérgio Milliet. - 2.ed. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.2v.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução : Maria Helena Kühner. - 11ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. 160 p.
- BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 432 p.
- COUTINHO, Fernanda Maria Abreu. Pierre Bourdieu e a gênese do campo literário. **Rev. de Letras** - N°. 25 - Vol ½ - jan/dez. 2003.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012.
- FIGUEIREDO, Eurídice. **Por uma crítica feminista: leituras transversais de escritoras brasileiras**. Porto Alegre, Rio Grande do Sul: Editora Zouk, 1ª edição, 2020.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez Editora. 2000.
- LUGONES, Maria. Colonialidade e Gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (org.) **Pensamento Feminista Hoje: Perspectivas Decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo. 2020. 381 p.
- ORGANISATION INTERNATIONALE DE LA FRANCOPHONIE. Observatoire de la Francophonie. 2023 Disponível em <https://observatoire.francophonie.org/qui-parle-francais-dans-le-monde/>; acessado em 20 de março de 2023.
- PINHEIRO-MARIZ, Josilene. **O texto literário em aula de francês língua estrangeira (FLE)**. 2008a. Tese (doutorado em Língua e Literatura Francesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8146/tde05052008-114942/pt-br.php>. Acesso em 2/3/2023.
- SALES, Albenise Mariana de Queiroz. **Cultura do outro, memória e representatividade feminina na novela gráfica ‘Broderies’, de Marjane Satrapi**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande. 2018. 144 p.



SANTANA, Leoniza Saraiva; ALVES, Maria Isabel Alonso. “(In)visibilidade do ensino de Literatura de Autoria Feminina nos cursos de licenciatura”, in. CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, VI., 2019, Campina Grande. Anais [...] Campina Grande: Realize Editora, 2019. p. 1-12.

SATRAPI, Marjane. *Broderies*. Ed. L’Association. Paris. 2003.

SATRAPI, Marjane. *Bordados*. Trad. Paulo Werneck. Companhia das Letras. São Paulo. 2013.

SATRAPI, Marjane. *Persépolis*. Ed. L’Association. Paris. 2002.

SATRAPI, Marjane. *Poulet aux Prunes*. Ed. L’Association. Paris. 2004.

SATRAPI, Marjane. *Frango com Ameixas*. Trad. Paulo Werneck. Companhia das Letras. São Paulo. 2008.

SILVA, Leticia; COMIN, Clarissa; MASTROBERARDINO, Ranieri. *Elas na academia: a autoria feminina no currículo do curso de Letras da UFPB*. São Luís: Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade (RICS), 2018.

VIANA, Lúcia Helena. “Por uma tradição do feminino na literatura brasileira”, in: Seminário Nacional Mulher e Literatura, 5, 1993, Natal. Anais ... Natal: UFRN, Universitária, 1995, p. 168-174.

ZOLIN, Luícia. O. “Literatura de autoria feminina”, in: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lucia. O (Org). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2009. 327-336 p.

ⁱ Professora da Universidade Federal de Campina Grande. Doutora e Mestre pela Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Pós-doutorado pela Universidade Paris 8, França. Tem pesquisas voltadas para o ensino da literatura, particularmente, no âmbito do ensino de línguas estrangeiras/adicionais.

ⁱⁱ Graduada em Letras pela Universidade Federal de Campina Grande, professora de Língua portuguesa e Língua francesa. Mestranda em Linguagem e Ensino pelo PPGLE/UFCG.

ⁱⁱⁱ Graduada em Letras pela Universidade Federal de Campina Grande, professora de Língua portuguesa e Língua francesa. Mestranda em Linguagem e Ensino pelo PPGLE/UFCG.